

Rego Barreto, mostrava o contraste entre essa visita e a que, há pouco, Lafayette fizera aos Estados Unidos. Aquela cisão se caracterizaria pelas divergências entre o imperador e a Câmara, cujos debates a imprensa refletia e acompanhava.

Esse início de discussão livre pela imprensa obrigou o monarca a, como na fase anterior — em todas as fases, por toda a parte, em todos os tempos, aliás, em que o poder se desmanda e necessita embair a opinião pública — enveredar pelo bafejo oficial a jornais áulicos ou simplesmente comprados ou financiados⁽⁶⁰⁾. Já não lhe bastaria o servilismo do *Diário Fluminense*. Foi assim que apareceu a *Gazeta do Brasil*, a 30 de maio de 1827, para circular até 5 de janeiro do ano seguinte, com oficina própria, à rua da Conceição 13. Era distribuída às quartas e sábados, vendida a 80 réis o exemplar, com assinatura semestral a 640 réis, nas lojas dos livreiros, como era costume no tempo. Dirigiam o pasquim João Maria da Costa e José Joaquim de Carvalho. Dizia-se que D. Pedro escrevia no jornal, que se propunha defender o trono e o altar, sob a epígrafe: “Quem quer ser livre, deve ser escravo da lei”⁽⁶¹⁾.

Havia, também, o *Diário da Câmara dos Deputados à Assembléia Legislativa do Império do Brasil*, que circulou a partir de 1826 e encerrou sua existência em 1830, divulgando os debates naquela casa. Naquele ano apareceria a quarta revista literária brasileira, na sucessão cronológica, o *Jornal Científico, Econômico e Literário* que se propunha recrear e instruir os leitores, dirigido por José Vitorino dos Santos e Sousa e Felisberto Inácio Januário Cordeiro, aquele redator dos efêmeros *Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura*, professor da Real e Imperial Academia Militar. A tentativa não logrou êxito: parece que só saíram três números da revista. Além desses, circulavam *O Verdadeiro Liberal*, cujo diretor, Pierre Chapuis, como ficou narrado, foi expulso do país em março. Contra ele não se voltara apenas a denúncia de Silva Lisboa, já mencionada, mas ainda a dos

(60) “Um dos mais arrojados pasquins do Rio — a *Gazeta do Brasil*, do aventureiro português João Maria da Costa — publicado com o objetivo de solapar o prestígio da Câmara, injuriando os deputados independentes, mereceu o apoio financeiro e a colaboração de Gomes da Silva, oficial do Gabinete Imperial e amigo íntimo do imperador. Este influía na orientação do jornaleco, insistia para que continuasse a sair. ‘Por satisfazer os desejos de S. M., manifestados por V. Exa., vou indo, com os trabalhos da *Gazeta*; lembrou o jornalista, em carta a Chalaça, o qual lhe pagaria, a 8 de fevereiro de 1828, por saldo de contas, a importância de um conto e quinhentos mil réis”. (Otávio Tarquínio de Sousa: op. cit., pág. 721, II).

(61) Informação curiosa, da própria *Gazeta do Brasil*, dá uma idéia do círculo dos seus assinantes: negociantes nacionais: 187; exército: 115; padres e frades: 101; negociantes estrangeiros: 59;